

**“A vida do homem é bagaço,
o que vale é sua obra”¹**

As muitas tentativas sem sucesso que realizei, a falta de interesse dos envolvidos e os altos custos do projeto, combinados ao conhecimento adquirido de técnicos e especialistas de que “os filmes não desaparecem, eles se dissolvem pouco a pouco”, foram constituindo em minha consciência a convicção de que, na eventualidade do desaparecimento irreparável deste material, eu deveria ao menos deixar um registro de toda a trajetória percorrida.

Tal hipótese ainda não se concretizou mas já pode ser vislumbrada no horizonte dada a extrema fragilidade da película cinematográfica. Se porventura isto vier a ocorrer, o fato deverá ser acrescentado a uma já longa lista de filmes – mais de 50% de toda a produção mundial – que se perderam por falta de cuidados e atenção.

No Brasil, a tragédia é ainda maior: estima-se que 80 a 90% de tudo o que foi filmado tenha desaparecido. Quando se considera então o período que vai de 1930 até os primórdios do nosso cinema, em 1898, constata-se que quase nada foi preservado. De todo o material registrado por Afonso Segreto, provavelmente o primeiro a filmar em nosso país, só se conseguiu encontrar até agora a sequência de uma parada militar.

Por outro lado, as vias para se obter um patrocínio por meio do qual se possa elaborar um projeto de restauração de filmes no Brasil sofrem os limites impostos pela Lei Rouanet que, devido a vários dispositivos restritivos, se transformou numa forma velada de censura exercida agora pelo poder econômico do capital.

1 Frase de Guimarães Rosa.

Como um antigo amigo e admirador do trabalho de Milton Nascimento, venho acompanhando a sua trajetória por um período de quase 50 anos – no começo de forma muito próxima e, com o tempo, de maneira cada vez mais distante.

Tendo conhecido Bituca em 1965, quando ainda trabalhava no escritório de Furnas em Belo Horizonte, assisti o seu verdadeiro desabrochar como cantor, instrumentista e compositor e posso me lembrar com clareza de vê-lo – juntamente com seu parceiro Márcio Borges – compondo várias músicas no sofá da sala de estar da minha casa.

Na época, eu já tinha a convicção de que estava nascendo a obra de alguém que teria uma grande importância na música popular não apenas do Brasil mas também no cenário internacional pela soma de elementos musicais – o jazz, o rock, as raízes sonoras mineiras, a música espanhola – que Milton incorporava com talento à sua arte.

Foi esta consciência que me levou a conceber o projeto do registro cinematográfico do espetáculo *Milagre dos Peixes Ao Vivo* e propor a sua realização aos meus parceiros Milton e Márcio.

Assim como fui testemunha ocular do nascimento do processo de criação da obra de Milton Nascimento, acompanhei à distância a evolução da sua carreira. Minha conclusão é que a parte verdadeiramente significativa da sua obra – a grande contribuição de seu talento criativo à música popular – começa a demonstrar sinais de esgotamento a partir do disco *Geraes* (1976), com o *Clube da Esquina nº 2* de 1978 se constituindo num balanço de todo este rico período de pouco mais de 10 anos que começa com o LP *Travessia*, em 1967.

Considero que nestes mais de 40 anos que decorreram de *Geraes* até hoje, Milton se empenhou em consolidar a carreira tanto no plano nacional quanto internacional aperfeiçoando seu talento como compositor e cantor sem, porém, acrescentar nenhum elemento novo à obra que já havia criado. Não sem razão, as menções à música de Milton sempre se referem a estes discos, assim como ao LP duplo

do *Clube da Esquina*, de 1972, e aos subsequentes *Milagre dos Peixes*, gravado em estúdio de 1973, e o espetáculo ao vivo de 1974, no Teatro Municipal de São Paulo.

Durante esse longo período, Milton musicou poesias de Dom Pedro Casaldáliga e Carlos Drummond de Andrade, gravou com expoentes do *showbiz* internacional como Wayne Shorter, Mercedes Sosa, Peter Gabriel, Paul Simon e defendeu causas humanitárias como a questão indígena mas não foi capaz de recriar a dimensão musical revolucionária que aqueles que, como eu, tiveram o privilégio de testemunhar durante os primeiros dez anos de sua carreira.

Acredito, no entanto, que este impacto pode voltar a ser experimentado por alguém que não teve a oportunidade de viver naquela época porque está gravado nas imagens filmadas do documentário do espetáculo *Milagre dos Peixes ao Vivo*.

Como explicar então que este documentário, o registro de um show histórico que se constitui em um dos poucos espetáculos filmados de uma grande era da música popular brasileira, ainda não tenha encontrado condições para ser exibido nos cinemas do país?

Não satisfeito com o desfecho de toda esta história decidi – num último esforço – escrever um e-mail à Elizabeth Campos em 9 de novembro de 2014. Beth respondeu com a informação de que não trabalhava mais com o Milton e me indicou uma outra pessoa. Esta, por sua vez, me sugeriu o nome de Danilo – com quem eu já havia me encontrado antes – como um possível intermediário.

Em 11 de novembro, escrevi o seguinte e-mail ao Danilo:

Caro Danilo,

Como vai, tudo bem? E o Bituca, está bom de saúde?

Escrevo-lhe porque estou muito preocupado. Há quase dois anos, enviei um orçamento de restauração do Milagre dos Peixes ao empresário do Milton e até agora não obtive resposta.

Minha preocupação se origina no fato de que o negativo – que já tem mais de 40 anos de idade – está se deteriorando e nós corremos o risco de que as imagens deste acontecimento tão importante possam se perder por completo.

Por outro lado, acredito que o custo apresentado – em torno de R\$ 75.000,00 (setenta e cinco mil reais) para todo o trabalho de restauração ótica, montagem e Dolby Stereo – não é elevado e considero que o Bituca poderia obter este valor sem grande dificuldade, se assim o desejasse.

Aguardo uma resposta sua.

Um abraço do Sérvulo

Silêncio.

Como a esperança nunca morre e como o compositor Antonio Maria considerava que a profissão do brasileiro é a esperança, antes de colocar um ponto final neste relato decidi fazer ainda uma última tentativa:

Prezado Danilo,

Como vai? O Bituca está bom?

Escrevo-lhe porque gostaria de informar ao Milton que fiz a versão final do Milagre dos Peixes Ao Vivo, com 72 minutos de duração. Sempre me preocupou que a obra se perdesse e, por causa disto, resolvi escrever um livro contando a saga deste filme, realizado há 44 anos. Muitas histórias cercam este trabalho, como o fato de que o negativo ficou perdido no laboratório por vários anos.

Peço-lhe então que, por favor, pergunte ao Milton se ele permite que eu coloque a versão final do documentário no livro que irei publicar, para que as pessoas possam se lembrar no futuro – por meio do registro de seus sons e imagens – de um show tão importante. A licença se destinaria apenas ao livro e não teria nenhum outro efeito comercial.

Se o Bituca quiser ver o filme, eu estou disposto a mostrá-lo onde e quando ele quiser. (...)

Aguardo uma resposta sobre o assunto.

Um abraço do

Sérvulo

A resposta? Novamente , o silêncio.

Consciente de que – como escreveu o poeta latino Horácio – “uma palavra, uma vez proferida, não pode mais ser chamada de volta”² e, por decidir que deveria ser conhecida, narrei essa história.

² “Semel emissum volat irrevocabile verbum.”